

ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA: RELATO DE UMA SEMIRREGÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Jéssica Karoline do Nascimento Gomes¹

Wilma Gomes da Silva²

Regina Claudia Custodio de Lima³

Maria Analice Pereira da Silva⁴

RESUMO

Este trabalho apresenta um relato da vivência de residentes do Programa Residência Pedagógica (PRP) do curso de Letras – Língua Portuguesa, do Instituto Federal da Paraíba, com foco na etapa de semirregência. Essa etapa consiste no momento em que o licenciando atua como mediador do processo de aprendizagem sem assumir a totalidade da turma, funcionando como um elo entre a observação e a regência plena. As atividades foram realizadas em turmas do 6º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Bilingue Dom José Maria Pires, em João Pessoa (PB), e envolveram a leitura mediada do conto *Cocobolo*, extraído do livro didático *Geração Alpha - Língua Portuguesa*, seguida por discussões interpretativas. Cada residente ficou responsável por um grupo de alunos, adotando estratégias de leitura e metodologias de ensino, sob a supervisão da preceptora. Os resultados evidenciaram a importância dessa experiência na formação inicial dos professores, destacando-se como uma ferramenta eficaz para o desenvolvimento de competências pedagógicas, ao proporcionar maior segurança no manejo da turma e na interação com os alunos. Além disso, possibilitou a aplicação prática de teorias aprendidas no curso, estimulando a criatividade e o aperfeiçoamento profissional dos residentes. A vivência reforça a relevância dessa etapa como prática docente essencial e aponta caminhos para o aprimoramento das disciplinas de Estágio Supervisionado nos cursos de Letras. Concluímos que, embora desafiadora, a semirregência tem potencial transformador, ao integrar teoria e prática e promover reflexões sobre o ensino e a aprendizagem na formação de futuros educadores.

Palavras-chave: Formação docente, Residência Pedagógica, Língua Portuguesa, Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

A formação inicial de professores tem sido objeto de amplas discussões no campo educacional, especialmente no que tange à articulação entre teoria e prática. Nesse

¹ Graduada no Curso de Letras Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB, jkarolng@gmail.com;

² Graduada no Curso de Letras Língua Portuguesa, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB, wilmagomessilva@gmail.com;

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING), da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, reginaclaudialima@gmail.com;

⁴ Professora do Curso de Letras Língua Portuguesa, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB, maria.analice@ifpb.edu.br;



contexto, o Programa Residência Pedagógica (PRP), vinculado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), emerge como uma proposta formativa que busca qualificar o licenciando por meio de experiências concretas em ambientes escolares. O presente trabalho relata vivências de residentes do Programa Residência Pedagógica, doravante PRP, do curso de Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, na modalidade Ensino à Distância, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB).

O relato pretende contribuir com as reflexões sobre a importância da etapa de semirregência de aula para a formação inicial do professor da área de Língua Portuguesa. Essa etapa intermediária do percurso formativo é o momento da prática do licenciando que estabelece diálogo entre a observação e a regência propriamente dita. Nela o futuro professor é posto em situações de mediação do processo de aprendizagem, mas sem assumir a totalidade da turma. Dessa forma, a etapa revela-se essencial para o desenvolvimento de competências pedagógicas, pois possibilita ao licenciando vivenciar práticas que dialogam com os saberes teóricos construídos ao longo da formação.

O objetivo deste trabalho, portanto, é refletir sobre a importância da semirregência na formação inicial docente, destacando potencialidades como espaço de aprendizagem e construção da identidade do professor de Língua Portuguesa.

Mesmo o PRP sendo um programa centrado na regência, a prática de semirregência aqui relatada, aponta para a contribuição concreta dessa fase de mediação pedagógica para a qualificação do futuro profissional, além de cumprir metas importantes do subprojeto de Letras aprovado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, no âmbito do Programa.

METODOLOGIA

O trabalho se caracteriza como um estudo do tipo relato de experiência com uma abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2001, p. 22), o relato de experiência é uma modalidade de pesquisa qualitativa que busca refletir sobre uma prática vivenciada, sistematizando aprendizagens e desafios observados.

A atividade foi desenvolvida nas três turmas do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Bilingue Dom José Maria Pires, localizada em um bairro da periferia de João Pessoa (PB). Cada turma era composta por aproximadamente 30 alunos, e a intervenção teve duração de 45 minutos, correspondendo a um período regular de aula na



escola-campo. Esse recorte temporal permitiu observar o comportamento dos estudantes em uma situação de aprendizagem típica, conferindo autenticidade à prática relatada e favorecendo a análise da dinâmica de mediação estabelecida entre as residentes e os discentes.

A ação envolveu a exploração literária mediada do conto Cocobolo, extraído do livro didático Geração Alpha – Língua Portuguesa, seguida por discussões de interpretação e compreensão textual. Como instrumento metodológico, utilizou-se a observação participante, com registros reflexivos elaborados pelas residentes ao final da prática.

Cada residente ficou responsável por um grupo de alunos, adotando diferentes estratégias de leitura e metodologias de ensino, sob a supervisão da docente responsável, professora Regina Cláudia Custódio de Lima, titular das turmas.

A pesquisa não envolveu coleta de dados sensíveis nem uso de imagens dos participantes, portanto, não foi necessária submissão a comitê de ética.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Programa Residência Pedagógica integra a Política Nacional de Formação de Professores e tem o objetivo de aprimorar a formação prática dos licenciandos, por meio da imersão em escolas de educação básica. A participação é indicada para estudantes na segunda metade de seu curso, e é considerada estratégica por promover a articulação entre os saberes teóricos e a vivência prática, elemento essencial para a construção da identidade profissional docente.

Para Pimenta (2012, p. 95) a prática pedagógica é práxis. A autora ainda resgata Vásquez (1968, p.117 apud Pimenta 2012, p. 99) e a interpretação do conceito marxista para explicar que, “a relação teoria e práxis é para Marx teórica e prática; prática, na medida em que a teoria, como guia da ação, molda a atividade do homem, particularmente a atividade revolucionária; teórica, na medida em que essa relação é consciente”.

A práxis docente, nesse sentido, não se limita a aplicação de métodos previamente definidos, mas envolve uma postura reflexiva diante das situações de ensino, possibilitando ao futuro professor construir saberes por meio da experiência.

A atuação dos residente, geralmente, acontece sob três perspectivas: observação, uma fase intermediária e a regência de aulas. A fase intermediária, é chamada por Pimenta (2012, p. 171), de estágio de participação. Para ela, participar da sala de aula, “significa



acompanhar o professor nas reuniões pedagógicas e participar no planejamento. Mas o que tem sido: atividades de auxiliar, de recorte, colagem, rodas, mimeógrafo” (Pimenta, 2012, p. 171).

Embora, essas atividades façam parte da rotina da sala de aula, sobretudo nas séries iniciais, é preciso fazer da semirregência um momento de interferência naquela realidade que outrora fora somente observada. O residente será capaz de desenvolver suas características particulares, mesmo que com pequenos gestos e atividades a fim de auxiliar o professor a executar o seu planejamento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No dia 08 de março de 2023, a professora/preceptora solicitou a contribuição das residentes para a execução de uma ação didática planejada por ela. O objetivo era realizar a leitura do conto Cocobolo, de Ransom Ringgs O texto está no livro didático Geração Alpha Língua Portuguesa 6, o qual narra a aventura de Zheng, um chinês que desejava descobrir a ilha misteriosa de Cocobolo, onde seu pai teria desaparecido. Zheng acredita que a ilha possuía valiosos tesouros e a cura para sua estranha doença” (Costa e Marcheti, 2018. p. 16-17). A narrativa, rica em elementos simbólicos e culturais, despertou o interesse dos alunos, estimulando a imaginação, além de ter contribuído para que inúmeras abordagens interpretativas surgissem.

A titular da turma dividiu a classe em três grupos com, em média, 10 alunos. Cada uma de nós, incluindo ela, ficou responsável por escolher um lugar da escola para levar o seu grupo e realizar a ação. Os espaços escolhidos variaram entre a biblioteca, uma espécie de pátio coberto e um espaço com tatames utilizados para práticas esportivas, o que permitiu criar ambientes diferenciados e mais acolhedores para a leitura.

A atividade foi iniciada com a leitura compartilhada do conto. A condução se deu conforme a estratégia adotada por cada residente. Em seguida, foi proposto a realização de uma conversa, ainda no grupo, a partir de questões de interpretação e compreensão do próprio livro didático. A regente da sala teve o cuidado de apresentar, anteriormente, o texto e também as orientações do livro didático para os professores, com os possíveis caminhos para a resolução das questões propostas. Tal postura permitiu que nos sentíssemos seguras com a intervenção, resultando em semblantes ternos e motivadores.

A maneira como as questões foram abordadas também ficou sob o julgo de cada mediadora, não se fazendo necessário seguir a ordem nem utilizar restritamente todas as



questões do livro didático. Nesse momento, o resgate de estratégias e métodos já vistos na teoria pôde ser revisitado e aplicado, ampliando a eficácia do processo de aprendizagem.

Durante a discussão, foram observadas reações diversas. Alguns alunos demonstraram curiosidade sobre os elementos culturais da narrativa, outros se envolveram com a coragem de Zheng. Houve também momentos de debate sobre os possíveis significados da ilha de Cocobolo, o que revelou a capacidade dos estudantes de construir sentidos para além do texto literal. Essa construção coletiva de significados reforça a ideia de que a mediação literária. “Os livros, como os fatos, jamais falam por si mesmos. O que os fazem falar são os mecanismos de interpretação que usamos, e grande parte deles são aprendidos na escola” (Cosson, 2020, p. 26). A mediação literária, nesse contexto, foi compreendida como um ato intencional de construção de sentido, e não apenas como decodificação textual.

A liberdade assistida da semirregência configurou um ambiente confortável para nós. Na escolha, pudemos optar por estratégias mais próximas e já dominadas. A interação com os alunos revelou-se afetiva e significativa. O resultado foi percebido no entusiasmo com a presença das mediadoras e na participação ativa nas discussões. Esse envolvimento foi interpretado como um sinal de acolhimento e reconhecimento das residentes como educadoras.

Por estarmos, por alguns minutos, exercendo uma função também exercida pela docente responsável, conquistamos no imaginário daquele grupo um espaço dedicado àqueles que têm o que compartilhar, o que foi muito importante para a recepção deles as aulas inteiras sob nossa regência.

O diálogo mais direto e com um número reduzido de estudantes nos aproximou daquele grupo e nos fez conhecer um pouco mais das linhas de pensamentos, preferências, dificuldades e interesses, elementos que foram essenciais para as escolhas de textos, abordagens e temas para a sequência didática integradora que planejamos e aplicamos como parte das atividades do subprojeto aprovado pelo PRP.

Antes que a experiência compromettesse algum desses elos recém conquistados, a professora, consciente dos seus propósitos como preceptora e como titular da turma, retoma a condução da aula com sensibilidade, preservando os vínculos estabelecidos e encerrando a experiência de forma ética e respeitosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Nosso relato de experiência aponta elementos significativos que reforçam o entendimento de que a semirregência tem extrema relevância para a formação inicial do residente/professor.

Potencializada pela supervisão da professora responsável pela turma, a intervenção relatada, assim como outras práticas de semirregências experimentadas pelo mesmo grupo, trouxe resultados singulares: aproximação afetiva na relação professor/aluno; credibilidade frente as turmas; segurança ao protagonizar momentos de fala em sala de aula; contato direto com o conteúdo da disciplina; testar escolhas metodológicas; desenvolvimento de aspectos do ethos profissional; e ainda cumprimento de metas do subprojeto de Letras aprovado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes.

Acreditamos, ainda, que este trabalho ultrapassa seus objetivos iniciais, ao passo que sinaliza também percursos para professores supervisores dos componentes curriculares de Estágio Supervisionado II e III, do curso de Letras, EaD, do IFPB. Por uma decisão do colegiado do curso, no período pós-pandemia, essas disciplinas passaram a contabilizar 25 horas de semirregência em suas cargas horárias. Durante as aulas de acompanhamento deste processo, são recorrentes, os relatos dos estagiários que afirmam precisar explicar as possibilidades de intervenções que serviriam para o cumprimento dessas horas. Os professores supervisores de estágio demonstram certa dificuldade em identificar as práticas de semirregência. Isso leva a limitação de ações e consequente dificuldades para a vivência de práticas a serem relatadas e contabilizadas nessa fase da formação.

Nesse contexto, nosso relato pode servir como referência para orientar tanto os estagiários quanto os docentes supervisores, no sentido de ampliar a compreensão sobre o papel formativo da semirregência. A experiência relatada evidencia que, mesmo em ações pontuais, é possível promover aprendizagens significativas, desde que haja intencionalidade pedagógica e abertura para o exercício da autonomia do docente em formação.

Além disso, a semirregência se revela como um espaço de experimentação segura, onde o licenciando pode errar, refletir e aprimorar sua prática, sem o peso da responsabilidade integral pela turma. Essa condição favorece o desenvolvimento de competências essenciais à docência, como a escuta sensível, a tomada de decisão em tempo real, e a capacidade de adaptação às demandas do contexto escolar.



Com isso, consideramos a prática de semirregência desafiadora, porém o residente ou estagiário pode, mediante boas práxis, contribuir com a construção de uma ponte sólida, capaz de abrir caminhos, ampliar horizontes e transformar realidades.

AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB) pela oportunidade de formação qualificada e pelo suporte institucional ao desenvolvimento das atividades acadêmicas e pedagógicas. Estendemos nosso reconhecimento à comunidade acadêmica do curso de Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, na modalidade Ensino à Distância, pela sólida base teórica e prática que fundamentou as práticas e reflexões compiladas neste trabalho.

Nosso agradecimento ainda, à comunidade escolar da Escola Municipal Bilíngue Dom José Maria Pires e à Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de João Pessoa, por acolher o Programa e ser um solo fértil para as práticas aqui relatadas.

Ao Programa Residência Pedagógica (PRP) do IFPB e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pela iniciativa e financiamento de um programa que, sob nossa avaliação, alcançou seus objetivos. O PRP oportunizou experiências significativas, que foram fundamentais para a formação dos envolvidos e para a reflexão crítica sobre o ensino de Língua Portuguesa.

Nesse espaço, ousamos ainda lamentar profundamente a descontinuidade do programa, pois acreditamos que sua permanência representaria um avanço para a formação inicial docente e para a valorização da prática pedagógica como espaço de construção de saberes.

Que este trabalho possa servir como testemunho da relevância e do impacto positivo que o PRP teve na vida acadêmica e profissional de seus participantes.

REFERÊNCIAS

COSSON, RILDO. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2020.

COSTA, Cibeli Lopresti; MARCHETTI, Greta. *Geração Alpha – Língua Portuguesa: Ensino Fundamental – séries finais – 6º ano*. São Paulo: Edições SM, 2018.



PIMENTA, Selma Garrido. *O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?* 11 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

